

REPORTAGEM ESPECIAL

# Mais de 40% das famílias vivem com apenas R\$ 60,00

ZANETE DADALTO/AT

IBGE revela que o Espírito Santo tem o maior índice da Região Sudeste de crianças que trabalham

Andressa Rebonato  
Márcia Branki



Pela manhã, Alexandro estuda. À tarde, ganha dinheiro vendendo picolé

## Estado é líder regional em mãe adolescente

Aproximadamente 10% das adolescentes com idade entre 15 e 17 anos foram obrigadas a abandonar os prazeres da juventude para se dedicar à maternidade.

O Espírito Santo registra o maior índice da Região Sudeste, que também é um dos maiores do País, com 9,2% das adolescentes com pelo menos um filho. O Maranhão lidera as estatísticas, com 14,7%, seguido pelo Mato Grosso do Sul, com 11,9%. O índice mais baixo é o do Piauí, com apenas 3,1%.

Apesar das campanhas educativas, a Sociedade Brasileira de Ginecologia da Infância e Adolescência no Espírito Santo (Socia) contabiliza que, em todo o Estado, o número de meninas de 12 aos 17 anos representam 30% das gestantes que procuram atendimento nos centros de obstetria.

A doméstica Rita de Cássia da Silva, 24 anos, é um retrato dessa realidade. Com 16 anos, cursando a 8ª série, ela teve sua primeira filha. Sem apoio dos pais, Rita precisou deixar os estudos para ser mãe.

"Pelo menos casei com meu namorado e hoje tenho duas filhas e tento aconselhar as meninas ao máximo para que não cometam o mesmo erro", ressaltou Rita.

O delegado responsável pela Socia, Ricardo Cristiano Leal da Rocha, acredita que, dos casos de gravidez na adolescência no Brasil, 80% são provenientes de uma baixa camada social e que têm pouca escolaridade.

Segundo Ricardo Leal, entre os 12 e 17 anos a gravidez é considerada de alto risco. Na adolescência, o útero está em fase de crescimento, não tendo estrutura para acompanhar o crescimento do feto.

## Cai mortalidade infantil

A última pesquisa divulgada pelo IBGE revelou que o Espírito Santo sofreu uma queda na taxa de mortalidade infantil. Em 1990, o índice era de 33,6 óbitos para cada mil nascidos vivos. Em 94, o número foi reduzido para 28,2 óbitos.

Apesar disso, o Estado continua ocupando a segunda posição em mortalidade infantil na região Sudeste, perdendo apenas para Minas Gerais, que contabilizou 31,2 óbitos. A Organização Mundial de Saúde preconiza que o número de óbitos deve ser inferior a 20 para mil nascidos vivos.

O estado brasileiro que lidera as estatísticas sobre mortalidade infantil é Pernambuco, com 67 óbitos para cada mil nascidos vivos. Já o que apresenta a taxa menor é o Rio Grande do Sul, com 22,2.

Conforme avaliação da coordenadora do Risco Social e Referência Materno-Infantil da Se-

cretaria de Estado da Saúde (Sesa), Albertina Maria Salomão Rocha, os dados da pesquisa são defasados e o índice de mortalidade no Estado é ainda menor: em 95 foram registrados 23,3 óbitos pelo mesmo número de nascidos vivos.

Segundo ela, apesar de a qualidade dos serviços de saúde não corresponder às expectativas da população, as pessoas passaram a ter mais assistência médica e a administração pública ampliou a cobertura vacinal, o que vem contribuindo consideravelmente para reduzir o índice de mortalidade infantil.

Os óbitos acontecem em função da deficiência da rede pública, que não dispõe de Unidades de Terapia Neonatal (Utin) suficientes para atender a demanda, e também ao fato de muitas mães não realizarem o pré-natal e optarem pela cesariana ou ainda tentarem o aborto no início da gestação.

entre zero e 14 anos vivem em famílias com renda de até meio salário mínimo, e 14,5% em famílias com renda de mais de dois salários.

O estado do Maranhão lidera as estatísticas, com 70,7% das crianças entre zero e 12 anos em famílias com renda de até meio salário, enquanto em São Paulo o índice é o menor, com 15,8%.

Em função das dificuldades financeiras, muitas crianças são obrigadas a deixar a escola e cumprir jornadas de trabalho para ampliar o orçamento doméstico, garantindo assim o sustento da família.

No Estado, 12% das crianças com idade entre 10 e 14 anos precisam dividir a rotina escolar com o trabalho. Este índice é o maior da região Sudeste. Em São Paulo, esta realidade atinge 6,1% das crianças na mesma faixa etária e, no Rio de Janeiro, este índice é de 3,6%.

A pesquisa do IBGE e Unicef também analisou o trabalho infantil, a educação das crianças e adolescentes, o comportamento e as taxas de natalidade e mortalidade infantil no País.

Alexandro, 10 anos, começa o dia cedo. Às 6 horas ele se prepara para ir à escola. Pela manhã, os olhos ficam fixos no quadro negro, mas, à tarde, com duas caixas de isopor, ele vai para as ruas vender suco natural e salgadinhos.

Brincar com outros meninos é raridade na vida dele. Nos finais de semana, Alexandro troca as ruas pelas praias, oferecendo picolé a quem está se divertindo.

Da mesma forma que Alexandro, que precisa ajudar na renda da família, formada por mais quatro irmãos e mãe faxineira, Marcos, 12 anos, também luta para conseguir levar alimento para casa. Durante o dia, ele trabalha como engraxate e, à noite, ainda encontra forças para ir à escola.

"Comecei a trabalhar com 10 anos. À noite faço a 4ª série. Pelo menos nos finais de semana, eu brinco um pouco. Preciso levar dinheiro para casa".

### REALIDADE

As vidas de Alexandro e Marcos não são histórias raras. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef Espírito Santo) constataram, em uma pesquisa realizada de 1990 a 1996, que o Estado possui um elevado índice de crianças miseráveis.

Conforme os dados do IBGE, 41,1% das crianças com idade

## O RETRATO DAS CRIANÇAS CAPIXABAS

### CRIANÇAS DE 0 A 14 ANOS, POR CLASSE DE RENDIMENTO FAMILIAR PER CAPITA (EM SALÁRIOS MÍNIMOS) - 1995 (%)

SUDESTE	26,0	23,6
Minas Gerais	41,9	14,1
Espírito Santo	41,1	14,5
Rio de Janeiro	26,6	22,9
São Paulo	15,8	29,8

Fonte: IBGE

### CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE TRABALHAM - 1995 (%)

	10 a 14 anos	15 a 17 anos
SUDESTE	2,3	16,6
Minas Gerais	4,0	22,8
Espírito Santo	5,0	22,3
Rio de Janeiro	0,7	13,1
São Paulo	1,7	14,2

Fonte: IBGE

### ADOLESCENTES DE 15 A 17 ANOS QUE TIVERAM FILHOS - 1995 (%)

SUDESTE	5,9
Minas Gerais	4,9
Espírito Santo	9,2
Rio de Janeiro	6,1
São Paulo	6,0

Fonte: IBGE



# ES é campeão em crianças analfabetas

Na Região Sudeste, Minas Gerais ocupa o segundo lugar em analfabetismo na faixa etária entre 10 e 14 anos

**A** pesar de o Espírito Santo registrar um dos menores índices de analfabetismo no País, na região Sudeste o Estado lidera o ranking na faixa etária entre 10 e 14 anos. Ao todo, 5,3% das crianças não sabem ler ou escrever.

A segunda posição é ocupada por Minas Gerais, com 4% de crianças analfabetas, seguida por Rio de Janeiro, com 2,4%, e São Paulo, com 1,3%.

Este elevado índice de analfabetos pode ser atribuído ao fato de muitas crianças serem obrigadas a abandonar os bancos escolares para ampliar o orçamento doméstico e garantir o sustento da família.

## FORA

No Espírito Santo, o índice de crianças com idade entre 10 e 14 anos que está fora da sala de aula chega a 5%, o maior da região Sudeste. Na faixa etária entre 15 a 17 anos, o índice também é o mais elevado: são 22,3% de crianças fora da escola, um índice superior ao da média nacional, que é de 19,6%.

Os estados de Alagoas e Maranhão, ambos no Nordeste, lideram as estatísticas de crianças de 15 a 17 anos fora da escola, com 25,5% e 25,4%, respectivamente. O Distrito Federal possui ape-

nas 8,3% das crianças fora da escola.

A Secretaria de Estado de Educação (Sedu) reconhece que o índice de analfabetos e de crianças fora da escola é grande, mas ressalta o fato de o Estado registrar um dos menores índices do País.

“Isso demonstra que o nosso trabalho está tendo uma repercussão positiva. Entretanto, sabemos que ainda há muito o que ser feito”, admite o secretário de Educação, Robson Neves, ressaltando que em 98 a Sedu vai investir R\$ 5 milhões para reduzir a taxa de analfabetismo no Estado.

Além disso, a Sedu quer trabalhar no sentido de corrigir a defasagem de idade e a série escolar do aluno que frequenta o ensino fundamental. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice de repetência escolar no Estado chega a 24,2% no 1º grau e 19,8% no 2º.

O secretário acredita que a municipalização do ensino é o ponto de partida para modificar o quadro do ensino capixaba. “Hoje, o trabalho infantil contribui muito para a elevada taxa de analfabetismo. Com a municipalização será possível aproximar a escola do aluno, facilitando o combate ao analfabetismo e a repetência escolar”.



“Ter filhos hoje fica muito caro. Pago R\$ 324,00 de creche e ainda preciso de uma babá”, conta Soraya

## Cai número de nascimentos

Aposentadorias irrisórias, hospitais sem infra-estrutura e aumento da economia informal. É nesta realidade que o Brasil está ficando velho.

Conforme a pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 30 anos a participação dos idosos com idade acima de 65 anos na população brasileira dobrou.

Na década de 60, eles eram 2,7% dos brasileiros, e hoje representam 5,4%. No Espírito Santo, a realidade não fica fora do constatado pelo IBGE. De 1992 para cá, a participação de idosos de 60 anos ou com mais idade na população capixaba caiu ligeiramente de 7,8% para 7,5%.

Por outro lado, a participação de crianças com menos de 10 anos de idade caiu consideravelmente de 22,1% para 19,4%. Com isso, é possível constatar que o envelhecimento da população do Estado se manteve estável. Entretanto, houve queda da fecundidade e aumento da mortalidade.

## RECURSOS

Os dados do IBGE mostram ainda que cerca de 50% das mulheres capixabas não podem mais ter filhos. Uma porque já tiveram o número de-

sejado. Outras não têm condições financeiras para ampliar a “prole”.

Não é muito difícil constatar que as mulheres capixabas optaram por ter poucos filhos. A principal alegação é a falta de condições financeiras.

“Ter filhos hoje fica muito caro. Pago R\$ 324,00 de creche e ainda preciso de uma babá nos finais de semana. Além disso, só tenho tempo para dar atenção a Maria Carolina à noite”, afirmou a bancária Soraya Cleto Gomes, 36 anos.

A dona de casa Simone Blanco de Souza, 23 anos, também atribui a redução na quantidade de filhos à dificuldade econômica. Para ter o segundo filho, ela vai esperar mais sete anos.

“Tive que deixar de trabalhar para ficar com o Marcelo e pretendo procurar outro serviço agora. Sem emprego não é possível dar uma educação de qualidade para os filhos”, ressaltou Simone.

A vice-presidente da Associação Capixaba de Idosos – que reúne cerca de 2,3 mil associados – Ivete Pereira de Castro, confirma o crescimento do número de idosos, mas lamenta que a natalidade esteja sendo reduzida. “O ideal seria que crianças e idosos crescessem em proporção semelhante”.

## Rematrícula na rede estadual no final do ano

A Secretaria de Estado de Educação (Sedu) definiu ontem as regras para a matrícula e rematrícula nas escolas públicas estaduais.

Segundo o secretário estadual de Educação, Robson Neves, como cada escola tem um calendário individual para encerramento do ano letivo de 1997, as matrículas e rematrículas não terão um período igual em todos os estabelecimentos.

Ele afirmou que a definição da Sedu é que a rematrícula tenha início 20 dias antes do final deste ano. O período de matrícula deverá começar um dia após o encerramento do ano letivo de 1997 e terminar 10 dias antes do início de 1998.

A secretaria não sabe quantas vagas serão disponibilizadas para a matrícula. Porém, a Sedu já definiu que não vai abrir matrículas para o ensino infantil.

“As vagas para a matrícula no ensino médio e fundamental serão divulgadas em janeiro. Apenas vamos manter os 30 mil alunos que já existem no Estado até que eles ultrapassem esta etapa”, frisou o secretário.

Ele ressaltou que esta decisão se baseia na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Os alunos das escolas públicas estaduais vão estar de férias de 1º de janeiro a 4 de fevereiro. No dia 9 de fevereiro eles retornam às aulas, iniciando o ano letivo de 1998.

As atividades escolares do ano que vem serão semelhantes as do Programa de Reorganização Educacional (Proed), aplicado este ano.

## O RETRATO DAS CRIANÇAS CAPIXABAS

### CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE ESTUDAM E TRABALHAM – 1995 (%)

	10 a 14 anos	15 a 17 anos
SUDESTE	7,4	22,6
Minas Gerais	11,8	23,3
Espírito Santo	12,0	22,5
Rio de Janeiro	3,6	11,9
São Paulo	6,1	26,3

Fonte: IBGE

### TAXA DE ANALFABETISMO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES – 1995 (%)

	10 a 14 anos	15 a 17 anos
SUDESTE	2,4	2,1
Minas Gerais	4,0	3,6
Espírito Santo	5,3	1,8
Rio de Janeiro	2,4	2,8
São Paulo	1,3	1,1

Fonte: IBGE